

Ah, diz-me a verdade acerca do amor

Há quem diga que o amor é um rapazinho,
E quem diga que ele é um pássaro;
Há quem diga que faz o mundo girar,
E quem diga que é um absurdo,
E quando perguntei ao meu vizinho,
Que tinha ar de quem sabia,
A sua mulher zangou-se mesmo muito,
E disse que isso não servia para nada.

Será parecido com uns pijamas,
Ou com o presunto num hotel de abstinência?
O seu odor faz lembrar o dos lamas,
Ou tem um cheiro agradável?
É áspero ao tacto como uma sebe espinhosa
Ou é fofo como um edredão de penas?
É cortante ou muito polido nos seus bordos?
Ah, diz-me a verdade acerca do amor.

Os nossos livros de história fazem-lhe referências
Em curtas notas crípticas,
É um assunto de conversa muito vulgar
Nos transatlânticos;
Descobri que o assunto era mencionado
Em relatos de suicidas,
E até o vi escrevinhado
Nas costas dos guias ferroviários.

Uiva como um cão de Alsácia esfomeado,
Ou ribomba como uma banda militar?
Poderá alguém fazer uma imitação perfeita

Com um serrote ou um Steinway de concerto?
O seu canto é estrondoso nas festas?
Ou gosta apenas de música clássica?
Interrompe-se quando queremos estar sossegados?
Ah! diz-me a verdade acerca do amor.

Espreitei a casa de verão,
E não estava lá,
Tentei o Tamisa em Maidenhead
E o ar tonificante de Brighton,
Não sei o que cantava o melro,
Ou o que a tulipa dizia;
Mas não estava na capoeira,
Nem debaixo da cama.

Fará esgares extraordinários?
Enjoa sempre num baloiço?
Passa todo o seu tempo nas corridas?
Ou a tocar violino em pedaços de cordel?
Tem ideias próprias sobre o dinheiro?
Pensa ser o patriotismo suficiente?
As suas histórias são vulgares mas divertidas?
Ah, diz-me a verdade acerca do amor.

Chega sem avisar no instante
Em que meto o dedo no nariz?
Virá bater-me à porta de manhã,
Ou pisar-me os pés no autocarro?
Virá como uma súbita mudança de tempo?
O seu acolhimento será rude ou delicado?
Virá alterar toda a minha vida?
Ah, diz-me a verdade acerca do amor.

Janeiro, 1938

Canção

Os peixes nos lagos serenos
Vestem as suas múltiplas cores,
Os cisnes sob o ar de inverno
Têm uma branca perfeição,
E o majestoso leão caminha
Pelo seu bosque inocente;
O leão, os peixes e o cisne
Vivem e afastam-se
Na onda vacilante do Tempo.

Nós, até ao fim dos dias ensombrados,
Devemos chorar e louvar
O mal consciente do Dever,
O Demónio no tempo,
A bondade cuidadosamente exausta
Pela expiação ou pela ventura;
Temos de perder os nossos amores
E sobre cada animal ou pássaro que passa
Lançar um olhar invejoso.

Os suspiros pelas loucuras feitas e ditas
Vêm iludir os nossos pobres dias,
Mas devo abençoar e louvar
Que tu, meu cisne, possuidor
De todos o dons que recebeste
Da impulsiva Natureza,
A majestade e o orgulho,
Tenhas acrescentado na última noite
A própria vontade do teu amor.

Março, 1936

Sob um objecto salgueiro

Sob um objecto salgueiro,
Ó amante, não amues mais:
Aos pensamentos devem seguir-se os actos.
Para que serve pensar?
A situação invulgar e triste em que estás
Prova a tua frialdade.
Ergue-te e dobra
O teu mapa de desolação.

Os sinos que ressoam pelos prados
A partir da sombria torre
Dobram por estas sombras sem amor
Que ele não reclama.
Tudo aquilo que vive deve amar; para quê
Curvar-se ainda perante a derrota
Com os braços cruzados?
Ataca e conquistarás.

Os gansos em bandos que sobre ti voam
Conhecem o seu caminho,
Os arriolos gelados que sob ti correm
Vão para o seu oceano.
Sombria e triste é a tua loucura:
Caminha então, vem,
Não mais entorpecido
Ao encontro do teu próprio prazer.

Março, 1936

Calipso

Maquinista, guia mais depressa e faz uma boa viagem
Até à linha de Springfield sob o sol cintilante.

Voa como um avião, não pares bruscamente
Até travares na Grande Estação Central, em Nova Iorque.

Pois lá no meio daquela sala de espera
Deve estar aquele que eu mais amo.

Se ele não estiver à minha espera quando eu chegar à cidade,
Ficarei no passeio com as lágrimas banhando-me o rosto.

Ele é quem eu gosto de contemplar
— Acme de bondade e perfeição.

Agarra-me uma das mãos e diz quanto me ama,
O que penso ser uma admirável excentricidade.

Dos dois lados da linha os bosques são de um verde vivo;
As árvores têm os seus amores embora diferentes do meu.

Mas o infeliz banqueiro, velho e gordo, na luxuosa carruagem
Não tem alguém que o ame a não ser o seu charuto.

Se eu fosse o chefe da igreja ou do estado,
Empoaria o nariz e diria para esperarem.

Pois o amor é mais importante e poderoso
Que um sacerdote ou um político.

Maio, 1939